

# A REVOLUÇÃO DE MAIO / 1937

Um filme de ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

**Realização, Diálogos, Planificação e Montagem:** António Lopes Ribeiro / **Assistente de Realização:** Olavo d'Eça Leal / **Argumento:** Jorge Afonso (António Ferro), Baltazar Fernandes (António Lopes Ribeiro) / **Fotografia** (preto e branco): Isy Goldberger, Octávio Bobone, Manuel Luis Vieira, Aquilino Mendes, José Nunes das Neves / **Cenários:** António Soares / **Som:** Paulo de Brito Aranha / **Música:** Wenceslau Pinto / **Direção Musical:** Pedro de Freitas Branco / **Canções:** Eliezer Kameniesky, Rosita Serrano / **Intérpretes:** Maria Clara (Maria Clara), António Martinez (César Valente), Emília de Oliveira (D. Júlia), Alexandre Azevedo (chefe Moreira), Clemente Pinto (Marques), José Gamboa (Silva tipógrafo), Luis de Campos (agente Sobral), Eliezer Kameniesky (Dimoff), Francisco Ribeiro-Ribeirinho (Barata), Ricardo Malheiro (motorista).

**Produção:** Secretariado de Propaganda Nacional / **Duração:** 139 minutos / **Estreia:** Tivoli, em 6 de Junho de 1937.

---

Segunda longa metragem de António Lopes Ribeiro que foi, com Arthur Duarte e Brum do Canto, o mais hábil realizador português da “segunda geração”, e aquele que mais se identificou com a ideologia do regime imposto a 28 de Maio de 1926. Lopes Ribeiro seria, de certo modo, uma espécie de realizador “oficial” a partir de **A Revolução de Maio**, um título ambíguo destinado a celebrar o décimo aniversário do Estado Novo. Entre este filme e **O Pai Tirano**, a obra de Lopes Ribeiro engloba uma série de longas metragens documentais que evocam as glórias do Império por altura das comemorações do duplo centenário e da Exposição do Mundo Português.

Falei atrás da ambiguidade do título. **A Revolução de Maio** refere-se a dois acontecimentos, mas o fictício (a revolução preparada pelos conspiradores do filme) não é mais do que um pretexto para celebrar a outra, a de 1926. Aliás o filme é, como será depois **O Feitiço do Império**, um documentário propagandístico acompanhado por um ténue fio de ficção. Que esta pouco interessa verifica-se pela forma ligeira e superficial como as personagens são retratadas, dos conspiradores de pacotilha, ou idiotas ou brutos (se César Valente é a excepção é porque está destinado a redimir-se: os restantes são velhos “reviralhistas”, um suspeito nome russo, e um conjunto de rostos dignos de figurarem num filmes de gangsters. Diga-se em abono da verdade que, neste caso, o filme não se distingue de outros feitos nos EUA ou URSS com os rostos patibulares dos “inimigos da ordem”), ingénuas imaculadas, e agentes da PVIDE (antecessora da PIDE) verdadeiros *gentlemen*, seguindo a ideologia do Chefe, a tal do “safanão a tempo”. Entre isto, uma sucessão de imagens e gráficos que expõem os triunfos da nova política, o idílico mundo rural e a felicidade das classes trabalhadoras (o diálogo do operário do Porto de Leixões com o conspirador). Na sombra ficam os acontecimentos que ao tempo do próprio filme abalavam o regime (o atentado a Salazar, a revolta da Marinha Grande) ou que procuravam empurrá-lo para posições mais extremistas (Rolão Preto e os “camisas azuis”, a manifestação do Campo Pequeno, etc). Mas, para se idealizar um “paraíso” é preciso negar a

existência de “serpentes”. A “intriga” do filme é, pois, pretexto para a apologia e as andanças do herói pelo país servem menos para o pôr ao corrente dos sucessos do que para transmitir a mensagem ao espectador. Mas estas deambulações, para nos ficarmos por Lisboa, são hoje um documento histórico de inegável interesse, pois permite-nos verificar as rápidas transformações topográficas que se deram naquela época e o papel que nelas teve Duarte Pacheco. A sua importância fica-se, porém, por aqui.

Já no trabalho de realização, e apesar da pobreza do argumento, António Lopes Ribeiro mostrava saber bem do ofício: os documentos reais sendo meras redundâncias narrativas, aparecem integrados no contexto geral com uma certa lógica, e apenas a sua duração quebra o conjunto. A sequência final, com as comemorações do décimo aniversário da “revolução nacional” culminando com os festejos de Braga e o famoso discurso de Salazar sobre “Deus, Pátria, Autoridade” (ponto de partida para o filme de “desmontagem” de Rui Simões, com esse mesmo título) aparece de uma forma bastante curiosa, apesar do evidente anacronismo. O dia da revolução dos conspiradores é o das comemorações e Valente leva a bandeira embrulhada num jornal com a fotografia do desfile. Esta liberdade narrativa serve a Lopes Ribeiro para o curioso *raccord* que leva da foto para as comemorações. Outras, porém, são redundantes: é o caso da “visão” dos possíveis combates entre forças do governo e revoltosos, aproveitando imagens de exercícios militares, enfatizando de forma excessiva o “dilema” de Valente, ou a viagem ao norte, com o desvio por Leixões, que se demora por tempo demais (para a narrativa) pelas obras do porto. O resto do filme explora uma via de comédia, mas esta sofre com o projecto ideológico do filme. Só mais tarde Lopes Ribeiro e seu irmão, Francisco Ribeiro-Ribeirinho (o Barata) explorarão esta via de forma mais feliz (**O Pai Tirano**, **O Pátio das Cantigas**). A cinefilia de Lopes Ribeiro afirma-se também em **A Revolução de Maio** (como em **Gado Bravo**). Aos modelos do cinema americano e alemão junta-se também o do cinema soviético, que o realizador bem conhecia, não faltando mesmo um certo “cheirinho” a **Potemkine**: a escadaria junto ao aqueduto como a de Odessa, o grande plano da mulher que grita, etc.

Manuel Cintra Ferreira